

SAMBA DE VÉIO DO RODEADOURO E A MATERIALIDADE DO PATRIMÔNIO QUILOMBOLA NO VALE DO SÃO FRANCISCO

SAMBA DE VÉIO DO RODEADOURO AND THE MATERIALITY OF THE QUILOMBOLA HERITAGE IN THE SÃO FRANCISCO VALLEY

Drielly Fernandes Borges Nunes ¹

Ana Stela de Negreiros Oliveira ²

Nívia Paula Dias de Assis ³

Resumo: Este artigo objetiva realizar reflexões sobre questões sociais, religiosas e do patrimônio cultural ligados à comunidade quilombola do Rodeadouro. Localizada na área rural da cidade de Juazeiro-BA, às margens do Rio São Francisco, o quilombo tem na cultura um grande marco para o seu desenvolvimento. Este estudo pretende analisar a relação dos moradores do Rodeadouro com o sagrado e o Samba de Véio. Estes, são fundamentais no entendimento da história do local, seja no âmbito religioso, estrutural ou cultural. A pesquisa se consolidará com o uso da metodologia da história oral e bibliográfica e análise de fontes como fotografias, jornais, vídeos, observação na comunidade e análise das práticas durante as apresentações do samba. Nesse sentido, o trabalho contribuirá para evidenciar as potencialidades históricas de sujeitos sociais invisibilizados nas narrativas oficiais, possibilitará novas formas de entendimento histórico sobre a cidade de Juazeiro-BA e ampliará as questões que envolvem o patrimônio cultural da região. **Palavras-chaves:** Samba de Véio, Quilombo; Patrimônio Cultural.

Abstract: This article aims to reflect on social, religious and cultural heritage issues related to the quilombola community of Rodeadouro. Located in the rural area of the city of Juazeiro-BA, on the banks of the São Francisco River, the Quilombo has in its culture a great milestone for its development. This study intends to analyze the relationship of the residents of Rodeadouro with the sacred and Samba de Véio. These are fundamental in understanding the history of the place, whether in the religious, structural or cultural context. The research will be consolidated with the use of the methodology of oral and bibliographical history and analysis of sources such as photographs, newspapers, videos, observation in the community and analysis of practices during samba presentations. In this sense, the work will contribute to highlighting the historical potential of social subjects made invisible in official narratives, will enable new forms of historical understanding about the city of Juazeiro-BA and will expand the issues that involve the cultural heritage of the region. **Keywords:** Samba de Véio, Quilombo; Heritage.

¹ Mestranda em Arqueologia do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (PPArque-Univasf) e Bolsista Capes. E-mail: drielly.fernandes96@hotmail.com

² Doutora em História (UFPE). Docente do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (PPArque-Univasf). E-mail: anastelanegreiros@hotmail.com

³ Doutora em História (PUCRS). Docente do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (PPArque-Univasf). Coordenadora do Laboratório de Representação dos Espaços Arqueológicos (Labresparq). E-mail: nivia.assis@univasf.edu.br

Introdução

Este texto versa sobre uma dissertação em andamento, construída ao longo do Mestrado em Arqueologia na Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), no *campus* São Raimundo Nonato (PI), tendo como principais objetivos tratar de questões que envolvem os aspectos históricos, culturais e do patrimônio a partir da análise do Samba de Vêio praticado pelos moradores da comunidade quilombola do Rodeadouro. Diante disto, as reflexões aqui dispostas, partem de observações e problematizações iniciais sobre a temática. O interesse pela temática deste trabalho surgiu durante a minha formação em Licenciatura em História, realizada entre os anos de 2015 e 2021, nas discussões sobre religiosidade, identidade e cultura nas aulas da disciplina História da África. Seguindo esse interesse, resolvi pesquisar sobre as comunidades quilombolas que existem no Vale do São Francisco e inicialmente não encontrei muito material disponível, a maior parte do que estava acessível na internet foi produzido pela professora Marcia Guena dos Santos⁴ e pelos estudantes da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Nessa breve pesquisa, me deparei com um Blog denominado *Quilombos e Sertões*⁵, nele encontrei uma série de informações e notícias sobre algumas comunidades quilombolas reconhecidas, que existem na área rural de Juazeiro. Compreender alguns aspectos desses grupos foi fundamental para instigar ainda mais o meu interesse pela pesquisa. Na graduação, dediquei a minha monografia aos aspectos culturais, religiosos e sociais da Comunidade Quilombola Barrinha da Conceição⁶. Ao longo das minhas observações eu tive um breve contato com líderes de outras comunidades, incluindo o Rodeadouro, localizada na área rural de Juazeiro-BA.

⁴ Docente do curso de Comunicação Social - Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Juazeiro. Atualmente desenvolve pesquisas com fotografia estudando comunidades quilombolas do submédio São Francisco. A Professora é responsável por uma série de produções sobre as comunidades quilombolas do Vale do São Francisco: livro, artigos e um blog. Outra importante iniciativa foi a criação do grupo Articulação Quilombola, o qual realiza reuniões com a presença de alunos do curso de Direito da UNEB de Juazeiro, representantes da Prefeitura Municipal de Juazeiro, representantes das comunidades e outros convidados. O grupo de articulação tem por objetivo auxiliar os representantes em problemas envolvendo cada localidade, além de promover momentos de socialização e atividades de formação para os moradores da região.

⁵ Quilombos e Sertões. Disponível em: <https://quilombosesertoes.blogspot.com/>. Acesso em: 2 de março de 2024.

⁶ A Barrinha, como é popularmente conhecida, está integrada à cidade de Juazeiro, localizada apenas à 7 km da sede do município às margens do Rio São Francisco. Formada por uma população majoritariamente negra que tem a religiosidade e devoção a Nossa Senhora da Conceição como um elemento importante para os moradores.

Após finalizar a graduação, a vontade de estudar e produzir sobre as comunidades quilombolas do Vale do São Francisco permanecia como um dos meus objetivos acadêmicos. Mais uma vez prossegui nas pesquisas sobre essas localidades e encontrei algo que não conhecia, mesmo sendo uma moradora de Petrolina, cidade vizinha a Juazeiro. Acessei os registros sobre um grupo de Samba de Véio na Comunidade do Rodeadouro.

O Samba de Véio do Rodeadouro está atrelado a uma prática religiosa chamada Reisado ou Reis, que ocorre em janeiro e consiste na passagem de um grupo católico pelas residências dos moradores entoando cânticos religiosos. O samba, geralmente, é praticado por adultos, organizados em círculos ou semicírculos que dançam ao som de músicas que são cantadas pelos puxadores ao toque de alguns instrumentos, como pandeiro, triângulo e tamboretes. Na localidade, após realizar os ritos dedicados aos Reis Magos, os integrantes do grupo perguntam aos donos da casa se querem “samba ou lamba?”. Se a resposta for samba, o grupo faz uma roda de samba na frente daquela casa, entoando algumas músicas e, ao final, seguem para a próxima residência.

Após as observações iniciais da prática, surgiram algumas inquietações: como teve início a incorporação do Samba de Véio na comunidade do Rodeadouro? Como o Samba de Véio está estruturado e de que forma esta prática se constitui como representante do patrimônio material local?

Partindo desses questionamentos, pretendo analisar a origem da prática atrelada a história da comunidade, através das vivências e registros dos moradores e praticantes do Samba. Além disso, pesquisarei as características e significados das indumentárias, dos instrumentos musicais, das letras das músicas, dos passos utilizados nas apresentações como elementos da cultura local. Me atentarei aos momentos do ano que concentram a realização do Samba, bem como os espaços que ele é realizado. Percebendo de que forma estes elementos se atrelam a origem da comunidade e aos conceitos da área do patrimônio.

Dito isto, me dediquei a buscar estudos que pudessem ajudar a compreender os aspectos culturais e religiosos que perpassam o Samba de Véio, além de analisar a maneira e por quais motivos os moradores da localidade e integrantes do grupo representam a sua prática cultural

e a sua História. Captar as principais mensagens desses materiais tem sido estratégia fundamental para o desenvolvimento do trabalho.

De fato, por meio dessas fontes, tem sido possível traçar um estudo sobre uma relevante prática cultural do Vale do São Francisco, demonstrando as suas raízes afro-brasileiras e o valor dessa manifestação enquanto representante da cultura local. Arelado a estas questões, é possível perceber o Samba de Véio como uma representação do Patrimônio Cultural da região e, neste sentido, pensar os olhares autorizados em relação a este campo, afinal o grupo do Rodeadouro tem pouco reconhecimento ou registro local e regional. Perceber, reconhecer e salvaguardar as ações realizadas pelas comunidades tradicionais é valorizar a história e cultura do nosso território.

Através da observação e análise desta manifestação cultural, estou desenvolvendo um estudo encaminhado para os questionamentos apresentados e problematizando as vivências desta comunidade. Inicialmente, farei um apanhado teórico-metodológico, abordando conceitos que estão contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento dessa pesquisa. No segundo tópico deste artigo, tratarei brevemente da História de Juazeiro e do desenvolvimento do Rodeadouro; no terceiro tópico, farei uma análise inicial do Samba de Véio, descrevendo como está prática é realizada dentro da comunidade e no último tópico tratarei dos aspectos que envolvem o Patrimônio Cultural e a relevância do Samba de Véio para a cidade de Juazeiro-BA.

Premissas teóricas e metodológicas

Alguns autores e autoras foram fundamentais para a construção desta pesquisa. O entendimento do conceito de História Local é basilar para o desenvolvimento do estudo. Sobre o assunto, a leitura do trabalho de Guimarães (2012), intitulado *O Estudo da História Local e a Construção das Identidades*, exerceu forte influência na análise do cotidiano observado na comunidade. A valorização da narrativa e das manifestações do local, contribuiu para a relevância e perpetuação da memória dos moradores, como afirma Guimarães (2012, p.38):

[...] O meio no qual vivemos traz as marcas do presente e de tempos passados. Nele encontramos vestígios, monumentos, objetos, imagens e manifestações de grande valor para a compreensão do imediato, do próximo e do distante. O local e o cotidiano, como locais de memória são

constitutivos, ricos de possibilidades educativas e formativas (Guimarães, 2012, p. 38).

O samba realizado pelos moradores do Rodeadouro promove a união das famílias, ilustrando a mobilização dos moradores em seus atos de fé e diversão. Este pensamento se aproxima do que Vera Jurkevics (2005) diz sobre as festas. Para a autora, as celebrações “revelam a essência a fé e a fraternidade comunal, que alimentam as manifestações religiosas e perpetuam as tradições que constituem um verdadeiro patrimônio cultural” (Jurkevics, 2005, p. 74). Uma espécie de patrimônio salvaguardado entre os moradores do quilombo, que reforçam os sentimentos de pertencimento à localidade e ao grupo étnico.

O hibridismo nas práticas religiosas é perceptível no Rodeadouro, fato que pode ser explicado como forma de resistência, como afirma Stuart B Schwartz, “no processo de resistência, os africanos forjaram instrumentos culturais ou buscaram apoiar-se em instituições que pudessem servir como base de organização e coesão” (Schwartz, 1996, p. 338).

Para além desses referenciais teóricos, outro conceito que é muito caro para o desenvolvimento desta pesquisa é o de epistemicídio. De acordo com Sueli Carneiro (2005), o epistemicídio está:

[...] para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual, pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo (Carneiro, 2005, p. 97).

Para compreender o significado que a produção de uma comunidade negra tem no espaço social e científico, é fundamental compreender o conceito de epistemicídio e de que maneira a produção e o acesso ao saber no nosso país foram condicionados para atender aos interesses de uma elite branca eurocentrada, que subjugou a produção intelectual de grupos africanos, afro-brasileiros e indígenas. É necessário perceber que a entrada e permanência desses grupos no ambiente escolar e acadêmico é recente, entretanto inúmeros instrumentos que dificultam esse processo ainda estão presentes nesses espaços.

Ao longo do trabalho, estou colhendo relatos e observando as práticas na comunidade. Através da observação desses registros, foi possível perceber os moradores revisitando diversos fatos

que fazem parte da trajetória do Rodeadouro. Escolhi a metodologia da história oral, aplicada através de entrevistas realizadas com moradores da comunidade. As entrevistas foram realizadas de forma remota e presencial, durante as minhas visitas ao Rodeadouro. Antes de realizá-las, tive uma conversa prévia com os entrevistados, preparei um roteiro e conversamos sobre diversos temas que envolvem a pesquisa. Além das entrevistas formais, as conversas informais com os moradores e praticantes do Samba também contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho. Todos esses elementos têm o objetivo de ampliar as análises do objeto de estudo, tendo em vista que existiam poucos registros escritos, como artigos e dissertações, sobre a história e a religiosidade da comunidade.

A ausência de um estudo sistemático de caráter historiográfico e arqueológico, com problematizações conceituais sobre o samba e a comunidade, me levou a escolher a temática para análise. Sabemos que esse silêncio histórico fez parte de uma grande estrutura que ao longo de décadas não valorizou as produções e as manifestações das minorias sociais. Entretanto, esse silenciamento não significa que as práticas não existiram, como afirma Pollak (1989):

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amigos, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas (Pollak, 1989, p. 5).

A coleta das memórias dessas pessoas permitiu a problematização e o estabelecimento das conexões com as outras fontes para a construção de uma narrativa historiográfica. Na medida que “[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (Pollak, 1992, p. 204).

Diversos objetos de estudo podem ser problematizados dentro de uma pesquisa arqueológica, mas para que isso ocorra de forma eficaz há a necessidade de estabelecer a interdisciplinaridade com outras áreas de conhecimento e diversos tipos de fontes, neste sentido

O uso das fontes orais para o estudo arqueológico torna-se indispensável a partir do momento que a prática possibilita ao profissional o acesso às memórias relacionadas ao patrimônio arqueológico e promove a interação entre pesquisadores e as comunidades (Borba et al, 2015, p. 339).

As disciplinas cursadas ao longo do Mestrado, forneceram-me elementos teóricos significativos para perceber a relevância da Arqueologia e do estudo da materialidade dentro dessa pesquisa. Algumas leituras foram significativamente relevantes neste percurso. O texto *Meta-stories of archaeology*, escrito por Cornelius Holtorf (2010), fornece elementos importantes para o desenvolvimento teórico dessa pesquisa, pois o autor conduz a pensar e observar a produção arqueológica a partir de diferentes perspectivas, dando ênfase às relações e leituras estabelecidas com artefatos ou objetos da cultura material, assim caracterizados pelo saber científico, que podem assumir diferentes significados e proporcionar várias experiências para o público que observa ou mesmo interage com eles.

Nesse sentido, o conhecimento dos moradores da comunidade será fundamental para a construção desta pesquisa. Este conhecimento, visto como popular, pode ser invalidado por muitos pesquisadores, neste sentido Lakatos e Marconi (1992) oportunizam uma reflexão sobre diferentes tipos de conhecimento e as suas legitimidades. Os autores apresentam uma distinção entre o conhecimento científico e o conhecimento popular, destacando que alguns elementos fundamentais para esta diferenciação são a forma, os métodos e os instrumentos que são utilizados na construção desses saberes. Os autores afirmam que “a ciência não é o único caminho de acesso ao conhecimento e a verdade [...] o mesmo objeto ou fenômeno [...] pode ser matéria de observação tanto para o cientista quanto para o homem comum” (Lakatos; Marconi, 1992, p. 14). Os processos para a produção desses conhecimentos são responsáveis por gerar as diferenciações, porém negar a importância de uma dessas formas de saber pode ser uma armadilha perigosa.

Para conhecer parte da História do Rodeadouro contei principalmente com os relatos, a observação e a ajuda dos moradores da localidade, que me auxiliaram no entendimento de diversos aspectos e no conhecimento do local. Eles me guiaram pelas ruas, casas, me levaram a pedra de fundação, escola, igreja, entre outros lugares. Além disso, a leitura da obra *Quilombos de Juazeiro: entre imagens e histórias*, publicado pela professora Marcia Guena dos Santos em

2016 e o rádio documentário *O Outro Samba do Rio*⁷, produzido pelo jornalista Márcio Santos Reges e postado no YouTube em 2020, foram enriquecedores para esta pesquisa. As duas fontes estão disponíveis na internet.

Não há como precisar um recorte temporal para esta pesquisa, tendo em vista que os moradores não são capazes de afirmar o ano do surgimento da comunidade e da prática cultural observada. Entretanto, manteremos o olhar na contemporaneidade, dando ênfase às relações que existem entre os membros do grupo.

Do singular ao plural: história e fé em Juazeiro - BA

No extremo norte da Bahia, em uma região denominada Vale do São Francisco, está situada a cidade de Juazeiro. Em conjunto com a vizinha Petrolina formam um conglomerado urbano, comercial e industrial com destaque regional e no próprio país. As duas cidades têm papel importante na economia do sertão nordestino, com ênfase na fruticultura irrigada.

A respeito do surgimento deste povoado, as narrativas históricas destacam a presença marcante de Garcia d'Ávila e seus descendentes durante os séculos XVI e XVII. Como afirma João Fernandes da Cunha:

[...] assim como na faixa litorânea e suas imediações se localizaram os engenhos, em vista das possibilidades que apresentavam as terras de massapé do recôncavo, para a cultura da cana de açúcar, Garcia d'Ávila pensou em conduzir o gado para os sertões, penetrando o São Francisco, em cujo vale vislumbrou, de logo, grandes vantagens para o desenvolvimento da pecuária, que se foi introduzindo, a pouco e pouco, naquelas regiões onde existiam apreciáveis pastagens naturais e uma imensidão de terras inaproveitadas (Cunha, 1978, p. 17).

Além da introdução dos rebanhos, a presença dessa família foi responsável pelas primeiras bandeiras. A pecuária foi fundamental para ocupação do território, nas plantações de cana-de-

⁷ Radio documentário produzido pelo jornalista Márcio Reges como Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios, campus III, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no ano de 2020, sob a coordenação da professora Fabíola Moura. Com depoimentos de pessoas que resgataram o Samba e de jovens que assumiram a missão de seguir adiante, a herança ancestral se mantém viva no semiárido baiano.

açúcar e para a alimentação das famílias que viviam neste local. Para além desta preocupação com a ocupação e produtividade do território, existiam também as questões religiosas (Cunha, 1978).

Por ordem do arcebispo da Bahia, D. João Franco de Oliveira, cargo que ocupou entre os anos de 1692 e 1701, em visita à região do São Francisco em 1694, deveriam ser encaminhadas missões religiosas para Juazeiro. Alguns anos depois, em continuidade às demandas do Arcebispo, “ali chegou, no ano de 1706, instalando-se na Passagem do Juazeiro⁸, uma Missão de Franciscanos, que aldeou, nesse mesmo ano, os Tamaquins, também, chamados Tanaquéus, e os Maçacarás” (Cunha, 1978, p. 29). Além de catequizar esses grupos indígenas, as missões tinham o objetivo de atender as famílias que se instalaram nesta região, junto ao advento dos rebanhos.

Sobre a formação e o desenvolvimento do povoado de Juazeiro, há uma versão lendária, talvez a mais difundida entre a população, a qual relaciona a presença da Igreja e a devoção dos nativos à fé católica:

Consiste em ter sido encontrada em uma gruta, por um índio velho, vaqueiro, que procurava certa rês desaparecida dos currais, a imagem da Virgem Maria, a qual, sendo apresentada a um dos frades da “Missão”, foi batizada sob a invocação de Nossa Senhora das Grotas (Dourado, 1983, p. 27).

Conforme Walter Dourado (1983), alguns historiadores consideram o ano de 1706 como fundação do povoado de Juazeiro, o qual em 1878 é elevado à categoria de cidade. Sobre esse momento, Walter Dourado faz a seguinte descrição:

O Dr. Juvêncio Alves de Souza foi um grande amigo de Juazeiro. Aqui residiu por longos anos [...] também tomou parte ativa na política, elegendo-se para cargos de Deputado a Assembleia do Estado e depois para o Senado Federal. [...] Ao que consta, foi ele o autor da proposição de elevação da Vila de Juazeiro à categoria de cidade, na conformidade da Lei nº 1.814, de 15 de julho de 1878 [...] (Idem, p. 48).

⁸ Neste período Juazeiro era denominada Passagem de Juazeiro ou Juazeiro Velho segundo Luz & Macedo (1992).

Estes elementos foram fundamentais na construção dos aspectos históricos, culturais e comerciais da cidade. Banhada pelo Rio São Francisco, Juazeiro⁹ agrega aspectos e a presença de grupos que expressam a sua fé e/ou encontraram uma região para se abrigar e chamar de lar. A região reúne significativa presença negra, tendo comunidades rurais certificadas como quilombolas.

A expansão do catolicismo na cidade não esteve restrita apenas aos grupos indígenas, como também foi responsável pela construção de uma identidade religiosa nas comunidades negras. Essa catequização e atuação da Igreja Católica podem ser descrita pelo conceito de poder simbólico, abordado por Pierre Bourdieu, “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (Bourdieu, 2002, p. 7-8). Neste sentido, o poder exercido sobre esses grupos, em muitos casos, mostrou-se silencioso, negligenciando e desmerecendo as culturas e valores desses povos trazidos do continente africano na condição de escravizados.

Uma dessas comunidades é o Rodeadouro, localizado na área rural de Juazeiro, a cerca de 13 quilômetros do centro do município (Figuras 1 e 2). O principal acesso a comunidade se dá através da Rodovia Salitre, entretanto é possível chegar até a localidade por meio das águas do Rio São Francisco. A região, denominada Salitre, é composta por outras comunidades quilombolas que realizam movimentos de articulação. O Rodeadouro recebeu o reconhecimento pela Fundação Palmares em 2018, através da Portaria nº 148/2018, de 43227.

⁹ A palavra Juazeiro é considerada uma corruptela do vocábulo da língua tupi-yuá que significa: fruto de espinho, acrescido do sufixo EIRO isto é – reunião. Portanto a reunião do juaz. (Dourado, 1983: 29)

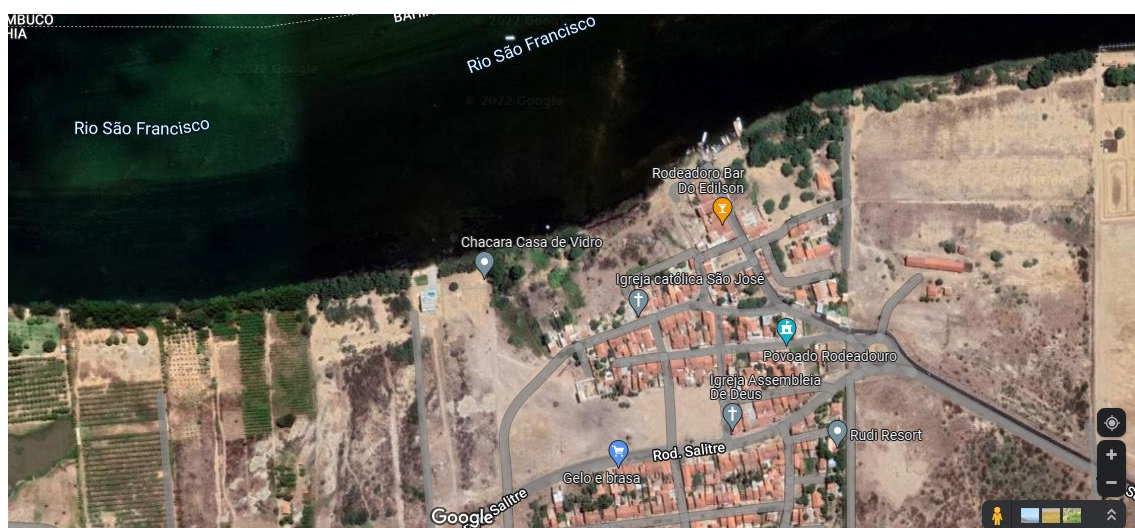


Figura 1: Localização do Rodeadouro

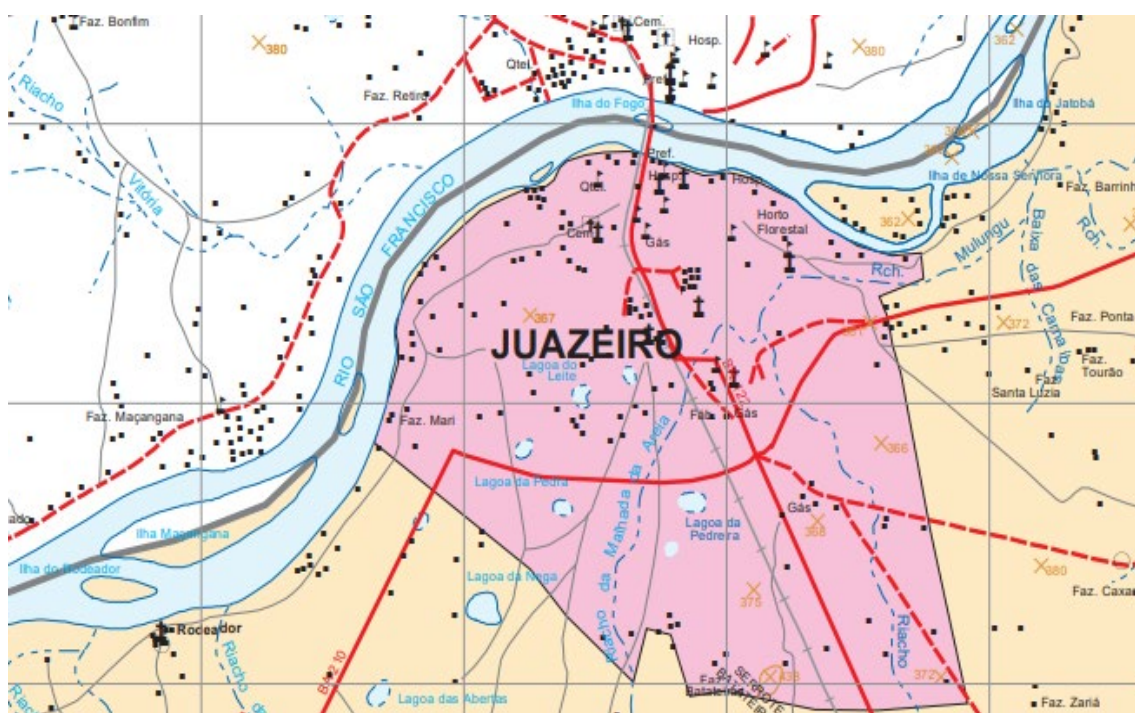


Figura 2: Mapa georreferenciado da área de pesquisa¹⁰

¹⁰ FONTE: Folhas Topográficas na escala 1:100.000 - DSG, 1977, 1980, 1985. Sistema de Transporte - DERBA, 2007 e Localidades - IBGE, 2010. Divisão Político-Administrativa do Estado da Bahia - SEI, Versão - 14 de maio de 2019.

Tratando das comunidades quilombolas contemporâneas, o conceito empregado por Gloria Moura é, em parte, pertinente para a discussão desenvolvida neste trabalho sobre o Rodeadouro:

Quilombos contemporâneos são comunidades negras rurais habitadas por descendentes de escravos que mantêm laços de parentescos. A maioria vive de culturas de subsistências em terra doada/comprada/secularmente ocupada. Seus negros valorizam tradições culturais dos antepassados religiosos (ou não), recriando-as. Possuem história comum, normas de pertencimento explícitas, consciência de sua identidade étnica (Moura, 2012a, p. 44).

Contrao o conceito de Gloria Moura, os residentes das comunidades tradicionais não são descendentes de escravos, mas de africanos que foram escravizados, levando em consideração que estas pessoas foram retiradas das suas terras e escravizadas contra a sua vontade. Ademais, como afirma Márcia Guena dos Santos (2016):

Esses territórios não são fruto apenas da fuga de escravos no período escravocrata, com a conseqüente formação de um grupo de resistência ao sistema de então, eles representam formas diferenciadas de ocupação da terra, decorrentes de laços de consanguinidade, familiaridade, religiosidade, entre outros (Santos, 2016, p. 6).

As comunidades quilombolas representam um espaço de socialização, de vida e pertencimento para os seus moradores, mesmo que muitos deles não conheçam completamente a história do seu povo, da sua cultura e sua luta. A ideia de pertencimento e entendimento do que é ser um quilombola, compreendendo principalmente todos os direitos, ainda precisa ser pauta de conversas e ações dentro desses espaços, “ser quilombola, reconhecer o seu passado e sua memória atrelada à ocupação das terras por descendentes de africanos não é um processo natural em uma sociedade que conhece pouco a sua história e seus direitos e onde a presença do Estado é mínima ou nula” (Idem, p. 9). As ações afirmativas e leis propostas pelo Estado devem contribuir para que esse laço de pertencimento cultural e histórico seja estreitado.

A terra aparece como elemento essencial para a sobrevivência desses núcleos familiares, como afirma Gloria Moura (2012a):

Fica claro que o valor da terra para os habitantes das comunidades remanescentes de quilombo é diferente do valor da terra para os demais que exploram a atividade rural. Terra é patrimônio cultural, terra é plantar

para sustentar a família, terra é vida, terra é festa, terra é história dos antepassados, é religiosidade. Terra é TUDO (Moura, 2012a, p. 21).

Dada a importância da terra para esses grupos, houve a necessidade de discutir a garantia deste território, em muitos casos ocupado há muitas décadas e que pode se tornar alvo de cobiça por parte de muitas pessoas. No Brasil, esse debate ganha forças no período de redemocratização, como afirma Nilma Gomes (2012):

A partir dos anos 1980, com o processo de reabertura política e redemocratização do país (Assembleia Nacional Constituinte, promulgação da Constituição Federal de 1988), outro perfil de movimento negro passou a se configurar, com ênfase especial na educação. Alguns ativistas conseguiram concluir a graduação e, com a expansão paulatina da pós-graduação em educação, cursaram o mestrado e, futuramente, o doutorado (Gomes, 2012, p. 738).

Com o processo de abertura política e a reintegração dos movimentos negro, as discussões em relação ao combate do racismo e a problematização do mito da democracia racial ganharam certa proporção. Uma dessas pautas são as questões ligadas à demarcação das terras e a problemática que envolve as grandes propriedades e os moradores dessas comunidades tradicionais.

O Movimento Negro no Brasil atua como peça fundamental nas conquistas realizadas pelos afrodescendentes, como a demarcação das terras e as cotas sociais, que são exemplos de conquistas, além da disseminação de aspectos culturais, objetivando vencer as barreiras do preconceito. A Constituição de 1988¹¹ utiliza uma série de critérios com o objetivo de resguardar o direito destas comunidades a demarcação de terras,

Sabe-se que a Constituição Federal de 1988 previu em seu art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) o direito dos remanescentes das comunidades dos quilombos à propriedade de tais

¹¹ Neste mesmo ano foi criada a Fundação Palmares. No dia 22 de agosto de 1988, o Governo Federal fundou a primeira instituição pública voltada para promoção e preservação dos valores culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira: a Fundação Cultural Palmares (FCP), entidade vinculada ao Ministério da Cidadania. Ao longo dos anos, a FCP tem trabalhado para promover uma política cultural igualitária e inclusiva, que contribua para a valorização da história e das manifestações culturais e artísticas negras brasileiras como patrimônios nacionais. (GOVERNO FEDERAL. *Fundação Cultural Palmares*, 2016. Apresentação. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?page_id=95>. Acesso em: 30 de março de 2020.)

terras, cabendo ao Poder Público a demarcação de tais áreas e a expedição do respectivo título (Ferreira, 2013, p. 305).

Um marco importante para o cumprimento deste artigo ocorreu em 20 de novembro de 2003, durante o governo do então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, quando foi assinado o decreto nº 4.887/2003. “A partir da data de publicação do referido decreto, O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), vinculado ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), voltou a ser o órgão responsável pela titulação das terras quilombolas” (Moura, 2012, p. 28). O § 4º do art. 3º deste mesmo decreto:

Reserva à Fundação Cultural Palmares a competência pela emissão de certidão às comunidades quilombolas e sua inscrição em cadastro geral. Desde então, foram emitidas 3.271 certificações para comunidades quilombolas; este documento reconhece os direitos das comunidades e dá acesso aos programas sociais do Governo Federal (GOVERNO FEDERAL, 2016).

O Rodeadouro é composto por cerca de 150 casas e mais de 600 moradores, sendo o turismo, a pesca e a agricultura as principais fontes de renda. O transporte público chega até o local em horários específicos, porém há apenas um horário previsto para o turno da noite, mais precisamente as 19 horas e 30 minutos, fator que dificulta o deslocamento dos moradores no período. Este problema também é enfrentado por outras comunidades da área rural de Juazeiro.

A Escola Municipal Maria Monteiro Bacelar, localizada no Rodeadouro, atende os alunos da educação infantil até o 5º ano do ensino fundamental, nas séries seguintes é necessário o deslocamento para outras localidades. Esta escola atende as crianças de outras comunidades que não possuem escola ou creche, como é o caso da Barrinha da Conceição. A localidade possui ainda posto de saúde, coleta seletiva de lixo, água encanada e algumas áreas com saneamento básico.

De acordo com as informações coletadas, o nome inicial da comunidade era Rodeador, sendo “uma referência à volta que os navegantes davam à ilha antes de chegar a Juazeiro. Ali paravam e descansavam um pouco antes de chegar ao seu destino” (Santos, 2016: 40). Com o passar dos anos, o termo Rodeador foi substituído por Rodeadouro, forma utilizada atualmente.

A respeito da origem da comunidade, segundo os moradores, no início do século XIX, o africano Aloquê, um escravizado fugitivo, se abrigou no local, utilizando-o como seu esconderijo. Ao

chegar, encontrou uma grande pedra que utilizou como abrigo e que é conhecida atualmente pelos moradores como pedra do Aloquê (Figura 3), marco inicial da comunidade e local sagrado. A pedra considerada como marco de fundação da comunidade, é descrita pelos moradores como um ponto de observação e comunicação utilizado pelos primeiros habitantes do local, que batiam em pontos específicos da pedra para emitir sons, anunciando a aproximação de outras pessoas.

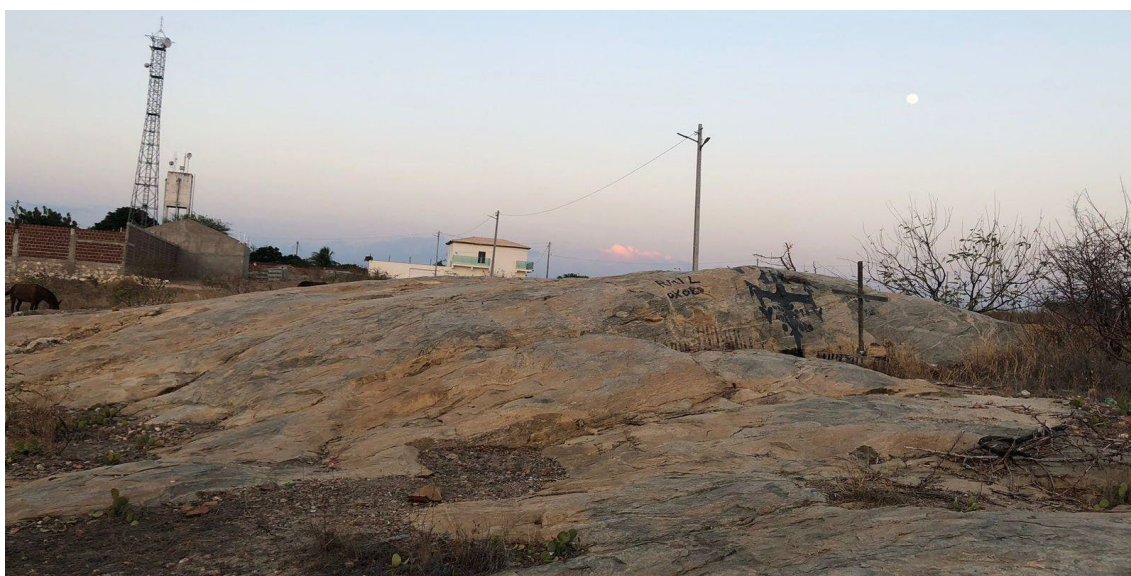


Figura 3: imagem da Pedra de fundação da Comunidade (Pedra do Aloquê). Fonte: acervo da comunidade

A maioria da comunidade é formada por praticantes do catolicismo, sendo São José o padroeiro do local. Diversas manifestações culturais ligadas aos aspectos religiosos são encontradas no Rodeadouro, entre elas destacam-se os penitentes, rodas de São Gonçalo e o Samba de Véio. No próximo tópico, tratarei brevemente da história e das características do Samba de Véio do Rodeadouro.

Ôh de casa ôh de fora: o Samba de Véio do Rodeadouro

Os moradores da localidade não sabem precisar como e quando o Samba de Véio teve origem, mas afirmam que a prática surgiu no Rodeadouro e que foi disseminada nas outras comunidades ao longo dos anos. Jota Menezes (2021) define o Samba como:

O Samba de Véio, constituído esteticamente por uma tríade (canto, dança e batuque), resulta da habilidade cognitiva dos participantes, do ritmo

compassado e serelepe dos corpos, que são guiados por essa conjunção coreográfica, de sons, cantos, movimentos e outros saberes internalizados pela experiência adquirida e a memória. Os três elementos se harmonizam para estimular e instigar os sambistas em suas narrativas não somente orais, mas corporais. No samba, os corpos mais que dançam, “falam”, expressam uma memória ancestral e significam os simbolismos de uma identidade (Menezes, 2021, p. 64).

A prática do Samba está atrelada às questões religiosas, quando em janeiro os moradores realizam cânticos nas casas para os Santos Reis. É feito um percurso pelas casas dos moradores que aceitam receber o grupo. Jéssica Maiane Afonso, de 22 anos, é uma das integrantes e neta de Dona Ovídia Izabel da Sena, de 74 anos, uma das mais antigas e atuantes no Samba de Véio do Rodeadouro. Jéssica relatou que as casas são previamente escolhidas, pois alguns moradores não recebem o grupo por serem praticantes de outras vertentes do cristianismo. Ela também descreveu como e quando ocorre o Samba na comunidade:

No Reisado, saí de porta em porta, canta o Reisado e aí depois que canta o Reisado “samba ou lamba?” o morador que diz samba que deseja que o samba aconteça aí faz uma roda de samba na casa da pessoa na porta. Poucas casas assim têm samba. [...] Fora isso só em ocasiões especiais mesmo, aqui dentro, por exemplo teve a inauguração da reforma da escola teve samba, teve uma praça que inaugurou aqui, teve samba e fora da comunidade nos convites, enquanto grupo cultural.¹²

O grupo do Samba de Véio é formado por homens e mulheres de diferentes idades. Durante as minhas observações, vi meninas de seis anos, netas das integrantes mais velhas. Os homens, costumam ser encarregados de tocar os instrumentos e as mulheres cantam e dançam (Figuras 4 e 5). Durante as rodas de samba, eles tocam pandeiro, triângulo, guitarra e os tamboretos feitos com couro de bode. O grupo produziu alguns figurinos que são utilizados em ocasiões importantes, dentro e fora do Rodeadouro (Figura 4). Em momentos mais informais, os participantes dançam sem nenhum tipo de figurino combinado anteriormente. Demonstrando que as rodas de samba funcionam como um elemento de divertimento e lazer para os participantes.

¹² Entrevista concedida por Jéssica Maiane Afonso de Sena a Drielly Fernandes Borges Nunes em 22 de novembro de 2022.



Figura 4: Mulheres do grupo Samba de Véio do Rodeadouro. Fonte: Notícia do Vale, 2022¹³

A preparação para a realização das rodas de samba começa antes mesmo do dia previsto, como explica Jéssica:

Vai ter Samba! pega o tamborete coloca no sol. O samba é amanhã! hoje chegar lá na casa de vó, o tamborete já tá lá no sol, porque tem a questão do couro que pra esquentar é melhor. Vó fica com algumas roupas, que todo mundo tem mas ela sempre leva uma malinha de roupa, chegar lá vai tá a vó dobrando as roupinhas e botando uma malinha, que ela leva com as roupas. E aí tem toda a questão dos meninos antes do Samba, acenderem o fogo, improvisado em qualquer lugar, os meninos improvisam um papelão alguma coisinha para dar uma esquentada no tambor. Tem aquela preparação de vestir as roupas né, por exemplo o Reisado aqui não usa as roupas, aquelas roupas usam mais para apresentações fora da comunidade aqui é a roupa normal mesmo, aí a gente veste aquela roupa, algumas usam a sandália de couro, aí coloca uma sandália de couro. Não teve ensaio não, a gente só preparou o tamborete, pegou o tamborete e as roupas e foi e quando chegou abriu a roda e foi algo muito espontâneo. Chegou lá e puxou uma música, eu perguntei sobre isso pra vó, aí ela disse que às vezes para não esquecer que a cabeça de velho as vezes vai ficando esquecida, bota no papelzinho assim o nome das músicas para na hora lá

13 Disponível em: <https://anoticiadovale.com/2022/03/27/prefeitura-de-juazeiro-anuncia-plano-municipal-de-cultura-em-abertura-do-iv-forum-municipal-da-categoria/>, acesso em 2 de julho de 2023.

ela fica “eu canto qual agora?” mas não tem aquela organização assim não né, é algo muito espontâneo.¹⁴



Figura 5: Integrantes do grupo Samba de Vêio do Rodeadouro. Fonte: Yane Andrade, 2022

Antes de iniciar o samba, os integrantes se reúnem na frente da igreja da comunidade e iniciam os preparativos. Os homens esquentam o couro dos tamboretos (Figura 6) em uma pequena fogueira e a guitarra é afinada. Existe outro grupo de Samba na Ilha do Massangano, localizada em Petrolina-PE, cidade vizinha, e eles não utilizam a guitarra como instrumento para acompanhar as rodas de samba. Dona Ovídea, uma das representantes mais antigas do grupo, afirmou que a incorporação do instrumento se deu pela necessidade de substituir o cavaquinho e o violão, pois não encontraram pessoas disponíveis para tocar esses dois instrumentos.

Após a preparação, a primeira roda de samba é realizada na frente da igreja e os integrantes partem para as casas. Ao longo do trajeto, a guitarra não é utilizada, pois seria necessário alguém para carregar a caixa de som. Ao chegarem nas residências, os sambistas cantam para os Santos

¹⁴ Entrevista concedida por Jéssica Maiane Afonso de Sena a Drielly Fernandes Borges Nunes em 22 de novembro de 2022.

Reis e posteriormente realizam a roda de samba. Nas rodas, um dos integrantes é responsável por puxar a música, geralmente Dona Ovídea ocupa essa posição, enquanto os demais respondem com alguns versos.

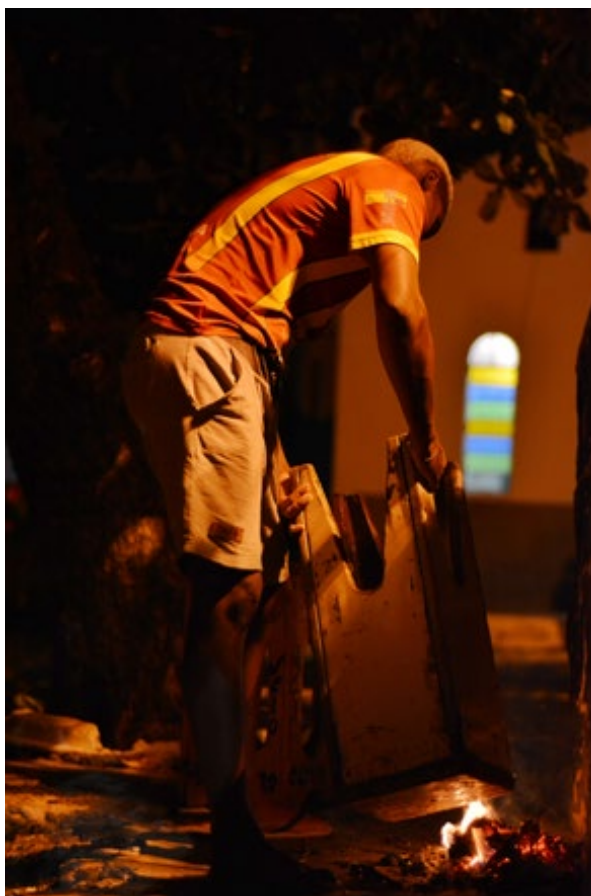


Figura 6: Integrantes do grupo Samba de Vêio do Rodeadouro preparando o tamborete para ser tocado. Foto: Yane Andrade, 2022.

As participantes dançam em duplas, uma entra na roda e puxa a outra, dançam batendo os pés e giram de forma muito rápida e enérgica, sempre movimentando as saias. Elas revezam no centro da roda, assim como os homens fazem revezamento ao tocar os instrumentos. Durante a dança é comum que os integrantes interajam através de umbigadas, ato que ocorre quando integrantes “batem” ou encostam suas barrigas durante o samba. Enquanto o samba está acontecendo, uma pessoa fica responsável por distribuir cachaça aos integrantes adultos e refrigerantes para as crianças. Além de garantir a animação dos participantes, ela também está presente no momento que uma das integrantes equilibra uma garrafa na cabeça enquanto dança (Figura 7).

O momento é de alegria, reencontro e interação entre os moradores da localidade e de outros locais. Gloria Moura (2012b) destaca a importância desse acontecimento:

O calendário festivo é prioritário. Preservam-no para expressar diferença: lutar valorizar a cultura, reforçar valores internos e reafirmá-los fora. Reviver as tradições, cultivar os santos de devoção, ouvir histórias dos mais velhos, dançar e cantar músicas tradicionais ou modernas são traços comunitários (Moura, 2012b, p. 35).

Esses momentos demonstram a coletividade das celebrações e o estreitamento dos laços afetivos entre os participantes, como afirma João Mouzarte Oliveira Junior: “nesses espaços, eles encontram amigos e parentes, entre outros, que se utilizam das músicas e das danças para homenagear o seu santo protetor” (Oliveira Junior, 2015: 102). Tudo isso faz parte da História desse local, como afirma Gloria Moura “a religiosidade é culturalmente flagrante em comunidades negras rurais. O ritual revela como se desmontam, remontam ou se mantém a constante organização social” (Moura, 2012b, p. 33).



Figura 7: Integrante do Samba equilibrando uma garrafa na cabeça enquanto dança. Fonte: acervo da autora

A patrimonialização como instrumento de salvaguarda do Samba de Vêio do Rodeadouro

No texto *Meta-stories of archaeology*, escrito por Cornelius Holtorf (2010), o autor conduz a pensar nas Metanarrativas dentro da Arqueologia e como suas diversas vertentes podem aproximar o presente do passado, (re)criando significados e novas possibilidades para práticas realizadas no presente. As Metanarrativas sobre o ser humano tratam de duas questões principais, a primeira delas está relacionada às origens humanas, enquanto a segunda a questões que nos conduzem a reflexões sobre a morte, a decadência e a ideia de esquecimento.

Nas Metanarrativas sobre pertencimento coletivo, as histórias do passado se ligam de alguma forma às identidades humanas de um grupo no presente. Nesta categoria, as narrativas se tornam coletivas, mesmo que o indivíduo não tenha participado daquele evento ou sequer conheça o objeto ou construção, aquele elemento faz parte da história do seu território e conseqüentemente está atrelado a ele. Para esta área, o patrimônio e os interlocutores ou produtores desse saber desempenham um papel fundamental, afinal os donos das histórias são os responsáveis por estabelecer como ela deve ser articulada, valorizada e conhecida. Esta categoria me fez pensar sobre quais narrativas foram e são de fato autorizadas e propagadas na construção da identidade nacional de um território e como isso pode contribuir para o silenciamento de determinados grupos. Vejo que, apenas recentemente, as ciências humanas têm procurado estabelecer e ouvir novos agentes com o intuito de conhecer diferentes identidades (Holtorf, 2010).

Dar visibilidade e espaço na sociedade e cultura nacional para as práticas dos povos africanos ou afro-brasileiros é um dos objetivos traçados nas últimas décadas pelos estudiosos do campo do Patrimônio Cultural brasileiro, fomentados pelas ações do Movimento Negro brasileiro e as demandas garantidas na Constituição de 1988. O final do século XX no Brasil é marcado pelo processo de redemocratização e a promulgação de uma nova Constituição que garantiu uma série de direitos para as minorias sociais deste país.

Paralelamente, o documento estabelece algumas noções de patrimônio material e imaterial, entretanto não se estabelece com clareza as práticas de salvaguarda desses bens. Gerando então ainda mais fôlego no movimento que cobra pelo reconhecimento das expressões culturais de grupos minoritários. Um momento muito importante para os aspectos que envolvem as

discussões em volta do patrimônio no Brasil ocorreu no ano 2000, através do Decreto Federal 3.551, que teve o objetivo de promover práticas de identificação, disseminação e salvaguarda do patrimônio imaterial através de parcerias entre ONG's, organizações privadas e a sociedade civil (Abreu, 2015).

Neste mesmo cenário são instituídos os Livros de Registros e o Iphan desenvolve o Inventário Nacional de Referências Culturais. Os Inventários são produzidos através do trabalho de pesquisadores e profissionais de diferentes áreas, mas acima de tudo o protagonismo está nos responsáveis pela manifestação,

(...) estas novas práticas, socialmente mais inclusivas, contrastam com práticas anteriores, principalmente quando a hegemonia do campo patrimonial se configurava como histórica e artística, ficando ao encargo dos especialistas destas áreas a constituição dos processos de patrimonialização (Abreu, 2015, p. 72).

O século XXI descortina um momento propício para pensar novos bens do patrimônio nacional, tendo em vista que o tombamento expressava o poder de determinados grupos, a ampliação desse conceito e o processo de registro dos bens imateriais contribui para aproximar as políticas culturais dos contextos multiétnicos, multirreligiosos e heterogêneos. Reconhecer outras formas de perceber a identidade nacional não é apenas um fator cultural, mas uma questão política, afinal em algumas situações essas práticas recebem incentivos do governo e são reafirmadas para as novas gerações, que identificam a potencialidade da tradição do seu grupo (Abreu, 2015).

O reconhecimento das práticas dos grupos africanos e afro-brasileiros ocorreram tardiamente, se pensarmos no contexto que marcou a chegada desses ao Brasil, no século XV, e o reconhecimento dessas práticas, no século XXI. Neste ponto, voltamos à prerrogativa de que durante muito tempo os bens patrimoniais representavam a elite europeia, não havia espaço para pensar a construção de uma identidade nacional a partir dos aspectos africanos ou afro-brasileiros. Apesar de já se perceber certo avanço, este reconhecimento ocorre de forma lenta e ainda precisa alcançar inúmeras práticas culturais de comunidades quilombolas do Brasil.

É na busca por esse reconhecimento e por este espaço nos momentos culturais da cidade, do Estado e do país que os integrantes do Samba de Vêio do Rodeadouro se posicionam em diferentes esferas, seja no campo político, onde cobram das autoridades competentes, o

reconhecimento e o apoio necessário para a perpetuação da prática, seja no ambiente civil, onde utilizam as redes sociais como forma de divulgação da sua manifestação cultural. Nesse sentido,

Os remanescentes de quilombo passam a inserir-se, para além da luta por terras tradicionais, em um esforço moral para que determinados acontecimentos não sejam esquecidos. Para que sejam registrados, como patrimônios do grupo, na memória pública do país, através da construção de locais de memória ou da incorporação de tais memórias e tradições orais na história contada e divulgada nas escolas e universidades. Essas ações – incorporadas à “histórica opressão” dos termos da lei - assumem um sentido de direito à reparação em função do esquecimento e guetificação a que foram submetidas suas histórias ao longo do século XX (Abreu; Mattos, 2009, p. 272).

Apesar de não ser oficialmente registrado nos livros do patrimônio imaterial pelo Iphan, a prática demonstra os aspectos culturais da região e as raízes africanas e afro-brasileiras de grupos historicamente silenciados. Além disso, o patrimônio pode ser produzido a partir de diferentes agentes e canais, como afirma Ulpiano Toledo Meneses:

A Constituição Federal de 1988, ao introduzir uma listagem de categorias de patrimônio cultural, incluiu o patrimônio intangível, caracterizado mais por processos do que por produtos, como formas de expressão, modos de criar, fazer viver, os quais, porém, se examinarmos mais de perto, pressupõem múltiplos suportes sensoriais, incluindo o corpo. Os constituintes talvez nem tivessem consciência de que, desse modo, estavam incluindo o corpo como participe do patrimônio cultural! O “saber-fazer”, por exemplo, não é um conhecimento abstrato, conceitual, imaterial, filosófico ou científico, mas um conhecimento corporativo. Os especialistas falam de uma memória-hábito ou memória corporificada (Meneses, 2009, p. 31).

A disseminação, o reconhecimento e as políticas de salvaguarda podem contribuir para a valorização e perpetuação dessas práticas que fazem parte da identidade nacional do nosso país, “transitando entre regimes culturais diferenciados, construindo novas formas de olhar para si próprios e suas tradições, redescobrimo novos aspectos em seus cotidianos, valorizando os mais velhos e seus saberes” (Abreu, 2015, p. 91-2). Observar o Samba de Vêio do Rodeadouro é perceber as raízes culturais da região, através das letras das músicas, dos participantes, dos lugares da prática, da produção dos instrumentos, das roupas utilizadas pelos integrantes, da relevância da religiosidade e do processo histórico de constituição dessa manifestação.

Por esses e outros motivos, os moradores da localidade reafirmam a importância do reconhecimento e apoio dos governos municipais e estaduais para a valorização e salvaguarda do Samba de Véio. O uso das redes sociais para divulgação da prática e as falas dos moradores durante as nossas conversas, demonstram como eles desejam que o Samba seja conhecido por cada vez mais pessoas. Nesse sentido,

É preciso introduzir outros critérios para avaliar os círculos concêntricos de pertinência e interesse do bem, que possam antes de mais nada definir seu potencial de interlocução. A grande referência deveria ser esse potencial de interlocução, começando sempre com os interlocutores locais (Menezes, 2021, p. 30).

Considerações Finais

A análise de diferentes tipos de fontes contribuiu de forma significativa para responder aos objetivos iniciais deste trabalho. Através delas, foi possível perceber como ocorreu a formação da comunidade, que está diretamente atrelada às suas manifestações religiosas e conhecer parte dos códigos criados pelos moradores para as suas vivências no Samba, estabelecendo como ocorrem as suas relações com as outras localidades e a sede municipal.

Apesar de ser um objeto de estudo abordado em outras áreas de conhecimentos, este se faz inédito em âmbito arqueológico. Uma característica desafiadora, afinal corro o risco de acertar ou errar nas abordagens e problemáticas. Apesar disso, penso que a Arqueologia oferece possibilidades diversas para a análise de diversos objetos de estudo, não há mais espaço para pensar um saber arqueológico pautado apenas na materialidade, tendo em vista que está não se constrói totalmente desassociada da imaterialidade e das mentalidades.

As Metanarrativas discutidas por Holtorf (2010) conduzem-me a pensar em diferentes abordagens dentro da Arqueologia, e o quanto elas podem nos afastar de uma perspectiva midiática construída ao redor do saber arqueológico. É possível pensar na construção desse saber científico a partir de diferentes objetos de estudo, como é o caso do Samba de Véio do Rodeadouro, percebendo os elementos da materialidade e ancestralidade presentes nessa manifestação cultural.

Refletir sobre a História e a Arqueologia do tempo presente requer um alto teor de problematização, visto que as narrativas não estão mais coerentes somente aos documentos oficiais ou a mera transcrição de acontecimentos. As falas dos moradores, as observações, e a materialidade da manifestação cultural, evidenciaram as lutas enfrentadas para o reconhecimento do Samba de Vêio do Rodeadouro. Quando os esquecimentos ocorrem no âmbito da memória social, ele se torna um instrumento de poder, onde “[...] os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da história coletiva” (Le Goff, 2013: 390). Esses interlocutores são personagens de uma História que durante muito tempo foi negligenciada pelas narrativas oficiais e os currículos escolares. Dar voz aos que formam o Rodeadouro é uma forma de ajudar a construir uma narrativa que representa as diversas facetas da sociedade.

Por fim, trata-se de uma pesquisa em desenvolvimento que pode me direcionar para diversos caminhos e resultados, diferentes ou que reafirmem o que foi observado e construído até aqui.

Referências

ABREU, R. 2015. Patrimonialização das diferenças e os novos sujeitos de direito coletivo no Brasil. In: Cécile Tardy, e Vera Dodebei (Org.). *Memória e Novos Patrimônios*. Marseille: OpenEdition Press, p. 67-93.

ABREU, M.; MATTOS, H. 2009. Remanescentes das comunidades dos quilombos: memória do cativo, patrimônio cultural e direito à repatriação. *Habitus, Goiânia*, v. 7, n. 2, p. 265-288.

BOURDIEU, P. 2002. *O Poder Simbólico*. 5 ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BORBA, F. M. B; ALMEIDA, G. T; BANDEIRA, D. R. 2015. História Oral e Arqueologia: possibilidades e limites das fontes orais na pesquisa arqueológica. VIII Encontro Regional Sul de História Oral. p. 338-344.

CARNEIRO, A. S. 2005. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Paulo, Brasil.

CUNHA, J. F. da. 1978. *Memória Histórica de Juazeiro*. Juazeiro-BA: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e Instituto Genealógico da Bahia.

DOURADO, W. C. 1983. *Juazeiro da Bahia à luz da História*. Juazeiro-BA: Prefeitura Municipal de Juazeiro.

FERREIRA, E. de M. 2013. O reconhecimento do direito à terra dos quilombolas a partir do multiculturalismo dos direitos humanos. In: Edilson Vitorelli (Org.). Temas Aprofundados Ministério Público Federal. Salvador: Jus Podivm, v.1, p. 293-328

GOVERNO FEDERAL. 2016. Fundação Cultural Palmares. Apresentação. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?page_id=95>. Acesso em: 30 de março de 2020.

GUIMARÃES, S. 2012. O estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena. In: Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados. 13 ed. Capinas-SP: Papirus.

GOMES, N. L. 2012. Movimento Negro e Educação: Ressignificando e Politizando a Raça. Educ. Soc., Campinas, v.33, n.120, p.727-744. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

HOLTORF, C. 2010. Meta-stories of archaeology. World Archaeology, 42:3, 381-393.

JURKEVICS, V. I. 2005. Festas Religiosas: A materialidade da fé. Curitiba. História: Questões e Debates, n. 43, p. 73-86.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. 1992. Ciência e Conhecimento científico (p. 13 -37) In: Metodologia Científica. Editora Atlas, São Paulo.

LUZ, M.; MACEDO, O. B. 1992. Juazeiro: trajetória histórica. Juazeiro-BA. Secretaria de Educação e Cultura.

POLLAK, M. 1989. Memória, Esquecimento e Silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2. n. 3, p 3-15.

POLLAK, M. 1992. Memória e Identidade Social. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10.

MENEZES, J. 2021. Resistir para existir: O Samba de Vêio da Ilha do Massangano. Editora Viseu.

MENESES, U. T. B. 2009. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: Anais do I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural. Ouro Preto: Iphan. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/MENESES_Ulpiano_O-campo-do-patrimonio-cultural--uma-revisao-de-premissas.pdf>. Acesso em: 10 de jun. 2023.

MOURA, G. 2012a. Quilombos Contemporâneos: resistir e vencer. Brasília: FCP.

MOURA, G. 2012b. Festas dos Quilombos. Brasília: Editora Universo de Brasília.

OLIVEIRA JUNIOR, J. M. 2015. A cor da oração: sociabilidades e resistências na irmandade de São Benedito em Aracaju SE. Dissertação de Mestrado, São Cristóvão, Brasil.

SCHWARTZ, S. B. 1996. Cantos e Quilombos numa conspiração de escravos Haussás. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.) Liberdade por um fio. São Paulo: Companhia das Letras, p 427-464.